

As marcas do Jornalismo Literário nas colunas de opinião de Eliane Brum¹

Thaís Helena FURTADO²

Anelise ZANONI³

Glaucia DAMAZIO⁴

Luan Pazzini⁵

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)

Resumo

Este artigo tem por objetivo identificar na coluna de opinião da jornalista Eliane Brum marcas discursivas que remetam ao uso do Jornalismo Literário, prática da autora na composição de reportagens. Para realizar a análise, foram escolhidos três artigos publicados pela jornalista no site do Jornal El País Brasil, onde escreve quinzenalmente sobre variados temas. A partir das características do Jornalismo Literário apontadas por diferentes autores, foram reunidas e analisadas sequências discursivas em cada um dos textos. A forma de organização da análise foi baseada na metodologia da Análise do Discurso Francesa (AD). Percebeu-se, então, que Eliane Brum utiliza as ferramentas do Jornalismo Literário também para escrever seus artigos de opinião, transformando-os em reflexões argumentativas embasadas em dados, depoimentos e outros elementos que trazem credibilidade para suas considerações.

Palavras-chave: Jornalismo Literário; Eliane Brum; Opinião; El País; Discurso.

Introdução

O Jornalismo Literário pode ser definido como uma forma de aprofundamento em um recorte da realidade, superando o jornalismo factual e trazendo detalhes, sentimentos e reflexões sobre uma temática. A jornalista Eliane Brum, ainda que não se intitule como jornalista literária, utiliza em suas reportagens estratégias que diferentes autores relacionam com o Jornalismo Literário. Atualmente, ela tem uma coluna de opinião quinzenal nas páginas online do Jornal El País Brasil (brasil.elpais.com). O objetivo deste artigo é identificar marcas do Jornalismo Literário também nos textos opinativos da jornalista.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação e Informação pela UFRGS, Coordenadora do curso de Jornalismo da Unisinos Porto Alegre e docente do curso, email: thaisf@unisinos.br

³ Doutora em Comunicação e Informação pela UFRGS, docente do curso de Jornalismo da Unisinos. email: anezanoni@gmail.com

⁴ Graduanda em Jornalismo pela Unisinos, email: glauciadamazio@gmail.com

⁵ Graduando em Jornalismo pela Unisinos, email: luanpazzini1@gmail.com

Quem é Eliane Brum

Natural de Ijuí, no Rio Grande do Sul, Eliane Brum nasceu em 1966. A descoberta da leitura, aos sete anos, lhe apresentou a vocação de transformar em narrativa a realidade em sua volta. Aos 11 anos, seu pai reuniu todos os textos escritos por ela em pedaços de papel soltos pela casa para o seu primeiro livro, *Gotas da Infância*. Ao mesmo tempo em que lhe trouxe orgulho, a obra lhe expôs de uma maneira que afastou suas ideias dos papéis até a faculdade. Quando concluiu o curso de Jornalismo, em 1988, se tornou uma repórter diferenciada, sem medo de ir fundo nas histórias que conta.

Durante os 11 anos que trabalhou no jornal Zero Hora, de Porto Alegre, a repórter reuniu histórias para seus dois primeiros livros, *Coluna Prestes: o avesso da lenda* (Artes e Ofícios, 1994) e *A vida que ninguém vê* (Arquipélago Editorial, 2006). Para *Coluna Prestes*, Eliane refez, após 70 anos, a marcha de 25 mil quilômetros da tropa rebelde pelo país. Mais de 100 entrevistas marcaram a construção testemunhal da sua versão dos fatos. *A vida que ninguém vê* é formada por pequenas histórias sobre pessoas que jamais virariam notícia nos moldes do jornalismo convencional e que vivem o que ela chama de “desacontecimentos”.

A partir de 2000, Eliane trabalhou por 10 anos como repórter especial da revista Época, publicação que viabilizou a edição de mais um livro aclamado, *O olho da rua – uma repórter em busca da literatura da vida real* (Globo, 2008). A obra contém 10 grandes reportagens escolhidas pela autora e conta seus bastidores. “Este livro também é uma confissão de fé na reportagem, aquela que vai para as ruas se arriscar a ver o mundo” (BRUM, 2008, p.14).

Eliane escreveu sua primeira ficção em 2011, *Uma duas* (LeYa Brasil), que aborda o relacionamento entre mãe e filha. De volta à literatura da vida real, em 2013, lançou uma coletânea com 64 de suas 234 crônicas e artigos de opinião publicados originalmente no site da revista Época. Em *A menina quebrada* (Arquipélago), Eliane justifica seu percurso de des(identidades), que deixa a vida de repórter para se aventurar nas colunas de opinião.

Resistente a principio, é preciso admitir, aos poucos comecei a pensar que poderia ser uma chance de me aventurar em algo que nunca tinha tentado, uma forma de me expressar que representasse um desafio. Afinal, se queremos desacomodar o leitor - e eu quero -, é preciso primeiro nos desacomodarmos. E assim começou minha coluna a cada segunda-feira, desde o início marcada pelo fato de que sou uma repórter escrevendo uma coluna de opinião (BRUM, 2013, p.14).

Ao sair da revista Época, em 2010, “para descobrir o que significava viver no seu próprio tempo e também para criar novas vozes para si mesma” (BRUM, 2013, p.14),

manteve as colunas online de segunda-feira. Mais tarde, direcionou suas reflexões para o jornal El País para produzir colunas de opinião sobre os mais diversos temas. Sua estreia no El País aconteceu no dia 26 de novembro de 2013 ao publicar um artigo de opinião intitulado *Dois Josés e um Amarildo*. No texto, a autora falava sobre a prisão dos petistas José Dirceu e José Genoino, presos por corrupção, e da morte do pedreiro Amarildo.

Em 2014, Eliane abriu o baú das lembranças e publicou *Meus desacomodamentos – a história da minha vida com as palavras* (LeYa), uma viagem à sua infância que busca compreender como a palavra escrita a salvou. Eliane também participou de coletâneas e passou a atuar como documentarista. Seu filme de estreia foi *Uma história Severina* (Imagens Livres, 2005), no qual participou como codiretora e roteirista contando a saga da pernambucana Severina, pobre e analfabeta, grávida de um feto anencéfalo, em busca de autorização judicial para interromper a gestação. Em 2010, lançou *Gretchen Filme Estrada* (Mixer), também como codiretora e roteirista.

Eliane, por vezes, bateu de frente com as técnicas mais utilizadas nas redações, mergulhando de cabeça nas histórias que contava e empregando todos os sentidos em sua construção. “Porque só tem graça ser repórter quando nos entregamos à reportagem e deixamos que ela nos transforme. Se um dia eu voltar a mesma de uma viagem para o Amapá ou para a periferia de São Paulo, abandono a profissão” (BRUM, 2008, p.38-39).

A jornalista se considera uma “escutadeira”, não só da palavra dita, mas de cada silêncio, gesto, hesitação. O respeito à linguagem do personagem é algo defendido por ela, que garante que “escutar é também não interromper as pessoas quando elas não falam na velocidade que a gente gostaria ou com a clareza que a gente desejaria e, principalmente, quando elas não dizem o que gostaríamos que dissessem” (BRUM, 2008, p.37). Já através do olhar ela reproduz cenas inteiras, ricas em detalhes e sentimentos.

Eliane aconselha que a experimentação de gêneros, formatos e narrativas é um exercício necessário ao jornalismo. “Um exercício da liberdade, da autodeterminação, do livre-arbítrio. Seja generoso. Arrisque. Ouse. Olhe” (BRUM, 2006, p.196). Por sua forma singular de fazer jornalismo, já despertou o interesse de vários pesquisadores. Monica Martinez, por exemplo, apresenta sua técnica jornalística como elemento decisivo para singularidade de seu trabalho.

A Eliane usa dois elementos que são chave para compreensão da obra dela, um é a observação. No próprio texto ela vai narrar isso, que ela é uma grande observadora. Como ela diz em alguns casos, uma grande escutadora. Ela presta muita atenção no entorno dela. E isso faz toda a diferença na hora de captação de elementos novos que estão no mundo,

que estão na realidade. O segundo ponto fundamental na obra da Eliane [...] é a questão da imersão. A fala ‘lugar de repórter é na rua’ pode ser considerada um lugar comum, mas quase está em desuso hoje em dia e a Eliane, ela suja realmente as botas dela.⁶

Eliane está na contramão do trabalho superficial do dia a dia das redações, e suas reportagens elevaram-na à categoria de uma das profissionais mais premiadas do Brasil. Foram mais de 40 prêmios em sua carreira. Exposta, então, sua trajetória, discorreremos sobre o Jornalismo Literário.

Jornalismo Literário

O Jornalismo Literário foge à lógica do jornalismo convencional factual, que conta histórias rápidas e de forma simplificada. Segundo Edvaldo Pereira Lima (2014), ele apresenta estilo diferenciado e ocupa lugar especial na cultura contemporânea. É a “modalidade de prática da reportagem em profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) literatura.”⁷ Entre os elementos presentes no texto, o autor destaca a imersão do repórter na realidade, a voz autoral, o estilo, a precisão de dados e a informações, além do uso de símbolos e metáforas, digressão e humanização.

Necchi (2007) ressalta que o jornalista é um observador e tem como função mostrar o que foi visto e o que não foi visto numa reportagem. Para ele, nessa prática, o jornalista pode ser observador ou até mesmo um participante da ação, pois entram no discurso pensamentos, sentimentos e emoções “[...] a partir de um trabalho de campo efetivo, de uma apuração vigorosa, de uma entrevista pautada pelo tempo farto, pela atenção e pela acuidade” (NECCHI, 2007, p. 103). Dessa forma, todos os sentidos do repórter devem permanecer em alerta, para que não deixe passar qualquer hesitação, suspiro ou desvio de olhar que possa acrescentar sentido ao texto. Através da capacidade de leitura do não-dito, o jornalista conseguirá transpor para o texto a sua visão do real (NECCHI, 2007).

Para Lima (2014), “o jornalismo literário pode ser considerado o maior expoente da busca pela dialogia, pela compreensão e pelo envolvimento do autor e do leitor no campo das narrativas contemporâneas”. Martinez (2011) ressalta características significativas na construção dos textos, como a “cena do fato”. Para ela, o Jornalismo Literário garante que o

⁶ MARTINEZ, Monica. Jornalismo Literário: Monica Martinez comenta Eliane Brum. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ft-pXKnd8L8>. Acesso em 10 de junho de 2016.

⁷ LIMA, Edvaldo Pereira. Verbetes elaborados por Edvaldo Pereira Lima. Disponível em: <http://www.edvaldopereiralima.com.br/index.php/jornalismo-literario/conceitos>. Acesso em 10 de junho de 2016.

compromisso com o leitor transcenda o ato de apenas informar, fazendo com que passe pela experiência sensorial de entrar naquele mundo específico que a matéria retrata.

Segundo Borges (2013), para compreender o Jornalismo Literário, é preciso passar pela “discussão sobre a comunhão ou o divórcio entre realidade e ficção no jornalismo e na literatura.” (BORGES, 2013, p. 200). O autor afirma que, ainda que haja uma hibridização, o Jornalismo Literário quer ter em sua essência as duas características. Borges (2013) levanta a objetividade como “ponto crucial” não presente no gênero e nem tão essencial no jornalismo como um todo. Para ele “trata-se de um falso dilema quando se coloca a objetividade jornalística como grande fiadora da honestidade das notícias transmitidas ao público. Há um grande equívoco envolvido: a pretensão de se eliminar toda a subjetividade de uma criação humana, caso do discurso” (BORGES, 2013, p. 43). Lima (2014) contribui dizendo que “para se ver um acontecimento ou uma situação com clareza, não podemos ficar restritos ao conteúdo factual, concreto, objetivo.” (LIMA, 2014, p. 20). O autor numera em seis as técnicas que considera mais sofisticadas para o Jornalismo Literário.

1. o *sumário* ou *exposição*, que consiste numa síntese de uma ação secundária. Desse modo, passa-se rapidamente por ela e ao mesmo tempo traz-se contexto à ação principal;
2. a *cena presentificada da ação*, que consiste no relato detalhado do acontecimento à medida que se desenvolve, desdobrando-o como numa projeção cinematográfica, para o leitor. (...);
3. o *ponto de vista* - isto é, a perspectiva sob a qual o leitor verá o acontecimento - pode ser a do repórter, a do protagonista dos acontecimentos ou a de uma terceira pessoa. A narrativa pode se dar também em primeira pessoa;
4. a *metáfora* e as *figuras de retórica* são aceitas quando se necessita explicar um tópico complexo;
5. as *citações diretas* são usadas moderadamente;
6. as *fontes são identificadas claramente*, a *verificação* dos dados tem que ser criteriosa e a *documentação* deve ser sólida (LIMA, 1995, p.157-158).

Concluído o embasamento teórico sobre Jornalismo Literário, a seguir, exporemos a metodologia e os procedimentos utilizados na análise.

Procedimentos metodológicos

Nesta pesquisa, buscamos localizar e analisar as marcas discursivas do Jornalismo Literário presentes nos textos opinativos da jornalista e escritora Eliane Brum. Nosso objeto de pesquisa é a publicação online El País Brasil, pertencente ao grupo espanhol Prisa, que desde novembro de 2013 conta com conteúdo em português no portal brasil.elpais.com.

Ainda que tenha reduzido notavelmente sua tiragem impressa, que já chegou aos 400 mil exemplares diários, o jornal El País, fundado em 1976, é líder da imprensa não

esportiva espanhola e uma referência do jornalismo hispano-americano, presente em mais cinco países. Seus fundadores definiram-no como “um jornal independente, de qualidade, de vocação europeia e defensor da democracia pluralista.”⁸ O El País Brasil é visto como um veículo que atua em defesa dos direitos humanos, das minorias e dos direitos das mulheres, entre outros temas polêmicos, conforme afirma seu diretor de Redação, Antonio Jiménez Barca, na página do Facebook do veículo.⁹ Segundo ele, o Brasil é o terceiro país onde o jornal é mais lido, atrás da Espanha e do México.

Nosso corpus de pesquisa são três colunas de Eliane Brum veiculadas no Jornal, nos primeiros meses de 2016. A escolha foi feita de forma aleatória, mas levando em conta sua atualidade e a variação de temas neles trabalhados. Para viabilizar a pesquisa, nos inspiramos nos procedimentos da Análise de Discurso Francesa (AD).

Compreendemos o jornalismo como um lugar de circulação e produção de sentidos. De forma sucinta, o jornalismo é um discurso: a) dialético; b) polifônico; c) opaco; d) ao mesmo tempo efeito e produtor de sentidos; e) elaborado segundo condições de produção e rotinas particulares (BENETTI, 2007, P. 107).

Benetti (2007) considera que a AD é produtiva para dois tipos de estudo no jornalismo: mapeamento de vozes e identificação dos sentidos. Nesta pesquisa, nos atemos à identificação de sentidos relacionados às características do Jornalismo Literário. Identificamos sequências discursivas (SD) nos três textos escolhidos que contém marcas discursivas que correspondem às características do Jornalismo Literário apontadas pelos autores estudados.

Para encontrar as regularidades da linguagem, o analista de discurso deve relacioná-la à sua exterioridade. “A linguagem só faz sentido porque se inscreve na história” (ORLANDI, 2012, p.25). Sendo assim, a relação que estabelecemos com a exterioridade foi a do interdiscurso existente entre as colunas de opinião e as técnicas de Jornalismo Literário já presentes em textos de reportagem de autoria de Eliane Brum.

Os três textos analisados emitem claramente a opinião da autora sobre os temas abordados. O Texto 1 intitula-se *1.500, o ano que não terminou*. Foi publicado em 4 de fevereiro de 2016 a partir do assassinato de um menino indígena no litoral de Santa Catarina, às vésperas da virada do ano. Eliane conta o ocorrido e tece duras críticas a não comoção social pelo caso. Justifica o silêncio da grande imprensa e das manifestações de

⁸ El País, o Jornal Global. Prisa Notícias. Disponível em <http://www.prisanoticias.com/pt/pagina/el-pais-el-periodico-global-de-noticias-en-espanol/>. Acesso em 28 de maio de 2016.

⁹ Assim é o El País por Dentro. Sobre El País Brasil. Disponível em <https://www.facebook.com/elpaisbrasil/?fref=ts>. Acesso em 28 de maio de 2016.

indignação social pela origem da criança que foi morta: era índio. Segundo ela, no Brasil não há mais espaço para os índios e sua cultura, pois o progresso não o permite. Seguindo em tom de denúncia, a jornalista fala sobre o final do ano de 2015 e o início de 2016 que, cheios de violência, compararam-se a 1.500 e o extermínio das populações indígenas.

Veiculado em 15 fevereiro de 2016, o Texto 2 é intitulado *Sobre aborto, deficiência e limites* e discute a descriminalização do aborto. Tanto em casos do feto ser diagnosticado com microcefalia, quanto em situações de feto saudável. Eliane enfrenta um tabu social, clamando pelos direitos das mulheres independentemente da condição de seus fetos. O artigo também questiona com veemência as políticas de inclusão para pessoas com deficiência e, principalmente, o comportamento dos brasileiros quanto à questão.

Todo inocente é um fdp?, assim intitula-se o Texto 3, publicado em 29 de fevereiro de 2016. A autora traz o debate do impacto causado pelo ser humano no planeta, questionando seus hábitos alimentares, de vestuário, de entretenimento, práticas triviais que, realizadas de forma inconsciente, causam sofrimento para seres humanos e animais. Eliane conta como as redes sociais atuam no papel de apresentar as consequências de cada ato e fala da necessidade de um julgamento ético e solidário antes da tomada de decisões.

A seguir, para análise, destacaremos sequências discursivas retiradas dos textos escolhidos que denunciam a presença de recursos do Jornalismo Literário.

Análise

As sequências discursivas (SDs) foram numeradas de forma crescente em cada um dos três textos. Após cada grupo de sequências discursivas, faremos considerações. Os trechos em itálico revelam a presença de hiperlinks, disponibilizados pela jornalista para o acesso a informações relacionadas ao texto.

Texto 1: *1.500, o ano que não terminou:*

Os sinos não dobraram por Vitor. (SD1)

Mas Vitor era um índio. Um bebê, mas indígena. Pequeno, mas indígena. Vítima, mas indígena. Assassinado, mas indígena. Perfurado, mas indígena. Esse “mas” é o assassino oculto. Esse “mas” é serial killer. (SD2)

A fotografia que ilustrou as poucas notícias sobre a morte do curumim mostra o chão de cascalho e concreto da estação rodoviária. Um par de sandálias havaianas azul, com motivos infantis. Uma garrafa pet, uma estrelinha de brinquedo, daquelas de fazer molde na areia, uma tampa de plástico do que parece ser um baldinho de criança, uma pequena

embalagem em formato de tubo, um pano florido amontoado junto à parede, talvez um lençol. (SD3)

A ausência é o elemento principal do retrato. (SD4)

Os indígenas só podem existir no Brasil como gravura. (SD5)

No passado, os índios são. No presente, não podem ser. (SD6)

“A rodoviária é o cartão postal da cidade, período que tem tanta gente viajando, chegando. Que imagem vão levar da cidade?”, justificou um comerciante de São Miguel do Oeste, também em Santa Catarina, para justificar a expulsão dos indígenas do local antes do Natal. (SD7)

A suspeita de policiais militares é de que o assassino estaria “incomodado com a presença dos indígenas no local”. A Polícia Civil mencionou como possíveis motivações “preconceito”, “surto” e “problemas psicológicos”. Em nota, o CIMI afirmou: “O Conselho Indigenista Missionário manifesta preocupação com o clima de intolerância que se propaga, na região sul do país, contra os povos indígenas. Um racismo – às vezes velado, às vezes explícito – é difundido através de meios de comunicação de massa e em redes sociais”. (SD8)

Onde estamos nós nesta foto em que estamos sem estar? (SD9)

Estamos nus. E nossa imagem é horrenda. (SD10)

Iniciamos a análise identificando um dos recursos mais destacados na prática do Jornalismo Literário: o uso de metáforas. Assim como afirmam Lima (1995, 2014) e Borges (2013), a técnica se relaciona com a linguagem literária e pode ser observada nas SDs 1, 2, 4, 5 e 10. Na SD1, a autora menciona a tradicional prática de soar sinos na morte de uma pessoa. A metáfora indica a falta de dignidade com que foi tratada a morte do menino índio. Não houve ruídos por parte da sociedade ou da imprensa. A SD2 usa de uma linguagem simbólica pela qual podemos identificar o “serial killer” como um conjunto de práticas e omissões da sociedade que permitem a ocorrência de casos de violência como esse. A linguagem simbólica também pode ser observada nas demais SDs citadas, 4, 5 e 10. Na literalidade, a ausência não pode ser o elemento principal de uma foto, nem alguém pode existir como gravura, como está posto nas SDs 4 e 5. Porém, Eliane sublinha a não inclusão e não aceitação dos povos indígenas por meio dessas metáforas.

Obviamente, nem a escritora nem qualquer um dos envolvidos no trágico caso do menino Vitor estão realmente nus, como sugere a SD10, em sentido figurado. Porém, a indignação da autora e as demais afirmações compreendidas no texto nos ajudam a compreender que o sentido da nudez está ligado a um despreparo, à falta de recursos, de conhecimento e de experiência da população e de seus governantes, tanto com a segurança

quanto às políticas de proteção à população indígena.

Ainda na SD2, conforme aponta Lima (2014), notamos que a jornalista consegue “enxergar e ver com os olhos da alma [...] Com sentimentos, razão e intuição.” (LIMA, 2014, p.9). Além disso, o texto usa de diferentes “artifícios narrativos”, “criatividade” (LIMA, 2014) e apresenta “humanização.” (BORGES, 2013). Observamos esses elementos na forma como a SD foi escrita, com frases curtas, usando a repetição de palavras como forma de prender o leitor.

Na SD3, encontramos a valorização e a descrição da cena do fato. (MARTINEZ, 2011; LIMA, 2014), assim como a “profundidade nos relatos”, sugerida por Pena (2006) e a não objetividade, pontuada por Borges (2013). Essa não objetividade está também visível nas SDs 5 e 6. “Para se ver um acontecimento ou uma situação com clareza, não podemos ficar restritos ao conteúdo factual, concreto, objetivo” (LIMA, 2014, p. 20). A subjetividade dos dois textos apresenta também uma linguagem simbólica e metafórica que sugere que não são os índios que não existem mais, e sim o seu espaço na sociedade. As duas SDs também demonstram que Eliane faz “a leitura do não dito”, indicada por Necchi (2007, p. 5-6), como uma das práticas do Jornalismo Literário.

A SD7 é um exemplo de citação direta, mencionada por Lima (1995) e Pena (2006). Segundo os autores, as citações diretas e o uso de outras vozes no texto são características do Jornalismo Literário em busca de profundidade e credibilidade. Além disso, a citação não é de uma fonte oficial.

A reportagem em profundidade exige precisão de dados (LIMA, 2014), busca um texto verdadeiro e verossímil (BORGES, 2013). Na coluna de opinião de Eliane, esses elementos estão presentes. Além disso, o texto oferece contextualização e uma visão ampla da realidade para o leitor (PENA, 2006). Esses elementos se fazem presentes na SD8 por meio das informações apuradas pela jornalista, que respeita a linguagem da fonte e disponibiliza o conteúdo integral dos dados por meio dos hiperlinks presentes no texto.

Além de elementos simbólicos da SD9, que nos colocam “presentes e ausentes” na fotografia da cena do crime do menino, enxergamos outros elementos do Jornalismo Literário, como o exercício da cidadania (PENA, 2006) e a parcialidade (LIMA, 1995) da autora, que nos aponta o dedo e nos inclui como responsáveis pelo acontecido. Assim como o mergulho na realidade, ou o conhecimento das coisas por dentro (LIMA, 2014).

Texto 2: *Sobre aborto, deficiência e limites:*

O *zika vírus*, desde que foi associado à *microcefalia*, tem revolvido as profundezas do pântano em que a sociedade brasileira esconde seus preconceitos e totalitarismos, muitas vezes trazendo-os à superfície cobertos por uma máscara de virtude. (SD11)

Prevaleceu a tese de que não haveria ali uma vida a ser protegida e, portanto, obrigar uma mulher a levar uma gestação em que ao final haveria um caixão e não um berço *era afrontar a sua dignidade e submetê-la à tortura*. (SD12)

Como uma clínica segura, com boas condições sanitárias e profissionais preparados, custa entre 6 e 17 salários mínimos, ela só poderá se arriscar a esquemas muito inseguros. A cada ano, há mais de 200 mil atendimentos no *Sistema Único de Saúde (SUS)* por complicações pós-aborto, a maioria deles por procedimentos induzidos. Segundo a *Organização Mundial da Saúde (OMS)*, são realizados mais de 1 milhão de abortos inseguros por ano no Brasil. O aborto é a quinta causa de mortalidade materna no país. (SD13)

Aqui é preciso interromper o texto por um parágrafo para, juntos, tentarmos nos colocar na pele dessa mulher. E é preciso fazer isso para além do ódio contra as mulheres, arraigado na sociedade brasileira. É preciso pensar – e não odiar, que é muito mais fácil. (SD14)

O que pode ser pior do que ser decodificado como “uma vida indesejada”? O que pode ser mais esmagador do que ser aquele que “deu errado” ou ser aquele que porta “uma falha”? O que pode ser mais opressor do que “alguém que não deveria existir”? (SD15)

A única deformação intransponível é a de uma sociedade que, em vez de derrubar barreiras, as ergue. (SD16)

Como escreveu Lucio *Carvalho*, *ativista e um dos editores do site Inclusive*, é um NÃO em caixa alta: “O que muitas pessoas sentem, percebem, interpretam ou identificam em uma ação assim, com objetivos tão claros e explícitos, é um rotundo NÃO social. Um enorme NÃO. Um NÃO sem metáforas. Um NÃO é aqui o seu lugar. Um NÃO pense que o seu filho ou filha está apto a pertencer a este mundo. Um NÃO sonoro que pode ramificar-se em: NÃO temos vagas, NÃO temos preparo, NÃO temos recursos, NÃO temos acessibilidade, NÃO queremos saber disso aqui, NÃO temos o menor interesse em sair dessa posição, NÃO isso, NÃO aquilo. E mais uma série de NÃOOS que repercutem na individualidade, ainda que de muitas formas”. (SD17)

Há muros no olhar da maioria. (SD18)

Quem faz o mundo dar um passo à frente são aqueles que percebem que a experiência de viver se amplia ao conviver com as diferenças. Que veem diversidade e riqueza onde outros veem inferioridade e fracasso. (SD19)

Na SD11, encontramos elementos do Jornalismo Literário, como o uso de metáfora e de linguagem simbólica (BORGES, 2013; LIMA, 2014). “As profundezas do pântano” podem ser interpretadas como o local distante, escuro e pegajoso, “em que a sociedade

esconde seus preconceitos e totalitarismos”. Ainda, o ato de “trazê-los à superfície” remete a colocarmos esses sentimentos em pauta. Podemos também interpretar a “máscara de virtudes” como o fato de a sociedade olhar para o tema mantendo os posicionamentos de sempre, sem problematizar ou debater o assunto honestamente.

As mesmas características podem ser observadas nas SDs 12, 16 e 18. Na SD12, a jornalista prefere escrever que “ao final da gestação haveria um caixão e não um berço”, a dizer que o bebê nasceria morto. Essa é claramente uma estratégia para chamar a atenção do leitor ao fato metaforicamente. Na SD16, o simbolismo é encontrado na relação entre a “deformação da sociedade” e a deformação física das pessoas com deficiência. Já na SD18, os “muros no olhar” representam as barreiras que impedem as pessoas de verem as demais da maneira como são, sem preconceitos ou julgamentos, a partir da própria realidade.

A SD13 é um recorte que demonstra características de uma reportagem em profundidade, com precisão de dados (LIMA, 2014), assim como apresenta contextualização, elemento que, segundo Pena (2006), pertence ao Jornalismo Literário. Eliane traz dados numéricos sobre a morte das gestantes e recorre a órgãos oficiais que os comprovam. Além disso, o texto apresenta hiperlinks para busca de mais informações.

A SD14 pode ser vista como o exercício de colocar-se no lugar do outro, pois é isto que Eliane convida seus leitores a fazer. Ela sugere a todos o exercício de “não odiar, utilizando o diálogo honesto e transparente (BORGES, 2013) e oferecendo uma “visão da realidade” que envolve as mulheres no país (PENA, 2006). Algumas dessas características também podem ser observadas na SD15, quando Eliane lança questionamentos como forma de reflexão. Além da “transparência e honestidade no diálogo com quem lê” (BORGES, 2013, p. 205), a jornalista extrapola a função de informar ou opinar, mas provoca o leitor a se aprofundar no tema.

Na SD17, Eliane traz outra voz para o texto, evitando “aqueles sujeitos que ocupam algum cargo público ou função específica e sempre aparecem na imprensa” (PENA, 2006, p.15). Ao abrir espaço para um ativista, ela oferece ao leitor pluralidade de discursos. Além disso, como já vimos, Lima (1995) aponta as citações diretas como um elemento do Jornalismo Literário. Consultando o site da fonte, é possível perceber que nenhuma vírgula é adicionada ou retirada. A fala do ativista aparece na íntegra, respeitando sua linguagem da fonte, que inclui outra marca do Jornalismo Literário: o estilo de texto, registrado na repetição proposital de palavras (PENA, 2006).

Exercer a cidadania é, para Pena (2006), uma das funções do Jornalismo Literário.

Ao encontro disso, está a necessidade de humanização, destacada por Lima (2014). Esses elementos estão visíveis na SD19. Eliane convida os leitores ao convívio com o diferente.

Texto 3: *Todo inocente é um fdp?*

Somos os nazistas das outras espécies – e produzimos holocaustos cotidianos. (SD20)

Ao olhar para o filé, o olho do boi nos olha de volta. (SD21)

Nosso leite vinha do paraíso, de nosso passado rural perdido, da vida nos bosques de Walden. (SD22)

E, como sabemos disso, o leite que chega à nossa mesa já não pode mais ser branco, mas vermelho do horror da vaca cujo corpo virou um objeto, a vaca para quem cada dia é tortura, estupro e escravidão. (SD23)

Assim, nem os veganos mais radicais podem se salvar do pecado original. (SD24)

Olhamos para nossas roupas e horrorizados sabemos que em algum lugar da linha globalizada de produção há nelas o sangue de crianças, homens e mulheres em regime de trabalho análogo à escravidão. Como o casal que morreu abraçado na fábrica de Bangladesh, gerando a fotografia que comoveu o mundo mas não eliminou o horror que seguiu em escala industrial. Ou mesmo de um imigrante boliviano enfiado num quarto insalubre trabalhando horas e horas por quase nada bem aqui ao lado. (SD25)

Mas os mais sensíveis sentem a textura de suas roupas e sabem que são costuradas com carne humana. (SD26)

O que a internet fez foi arrancar da humanidade as ilusões sobre si mesma. (SD27)

As interrogações vêm mudando, e já não é possível afirmar, sem revelar considerável ignorância, inclusive sobre a ciência produzida, que os animais não têm vida mental nem emocional, são “irracionais”. Ou, lembrando um argumento religioso, “que não têm alma”. (SD28)

Não é fácil viver na pele do algoz. Não é simples viver sabendo-se. Aquele que se olha no espelho e se enxerga carregará essa autoimagem consigo. E se tornará algo que já não é mais o mesmo. (SD29)

Se somos os nazistas das outras espécies, quando não da mesma, aceitar que assim é não seria se tornar um Eichmann, o nazista julgado em Jerusalém que alegou apenas cumprir ordens, o homem tão banalmente ordinário que inspirou a filósofa Hannah Arendt a criar o conceito da “banalidade do mal”? (SD30)

Talvez estejamos, como espécie que se pensa, diante de um dos maiores dilemas éticos da nossa história. (SD31)

Observamos, mais uma vez, a metáfora e a linguagem simbólica. As marcas estão presentes nas SDs 20, 21, 22, 23, 24, 26 e 27. A SD20 chama os leitores de “nazistas”, fazendo o comparativo entre os massacres sob o comando de Adolf Hitler e os que são realizados todos os dias em abatedouros de animais. Na SD21, a metáfora fica por conta do olho do boi, que representa nossa consciência de que, ao comer um filé, um animal sofreu tentando sobreviver, sem sucesso, na fila do matadouro.

O mesmo ocorre na SD22. Para chamar o leitor à reflexão, a jornalista afirma que o “o nosso leite vinha do paraíso”, de um lugar sem sofrimento, apenas se referindo ao período em que não eram divulgados os maus-tratos que acontecem na produção do leite de vaca. Este mesmo leite torna-se “vermelho de horror” na SD23, numa metáfora que simboliza o sangue associado ao processo de produção que leva o leite à mesa dos consumidores.

Na SD24, Eliane recorre ao simbolismo oriundo da religião e da cultura. Ela conta com o repertório de seu leitor, que conhece o “pecado original” da Bíblia e, por isso, pode relacioná-lo ao texto. Aqui, o pecado seria o ato de não evitar o sofrimento de outros seres, da mesma ou de outra espécie.

Roupas “costuradas com carne humana” certamente não estão nas prateleiras e cabides das lojas. Por isso, a frase simbólica encontrada na SD26 nos remete às peças produzidas por meio de trabalho escravo ou mal remunerado. E, para dar veracidade e verossimilhança (BORGES, 2013) para a informação implícita, Eliane disponibiliza um hiperlink com informações sobre marcas de produtos investigadas por este tipo de denúncia. É também na SD26 que podemos observar uma “visão ampla da realidade” e um jornalismo “ligado às causas sociais” (PENA, 2006), pois a jornalista expõe para o consumidor o cenário em questão.

Na SD27, também é empregada a linguagem simbólica, mas, além disso, vemos aqui criatividade e estilo de texto (PENA, 2006), o extraordinário e os diferentes artifícios narrativos (LIMA, 2014). Eliane atribui à internet o papel de denunciar as mais diferentes práticas da indústria aos seus consumidores de forma real, sem minimizações ou disfarces.

Por meio das SDs 28, 30 e 31, é possível notar que o discurso de Eliane engloba noções de diferentes áreas do conhecimento para elucidar seu posicionamento. Na SD28, recorre à ciência e à religião, na SD30, traz a história, e na SD31, provoca um debate sobre a ética que permeia o atual consumo da nossa sociedade. Trata-se de um texto que busca explicar as ideias que apresenta, aproximando o leitor de seu objetivo. É, como afirma Lima

(2014, p.30), um texto “mais completo e mais pessoal.”

Para finalizarmos, apontamos ainda a SD29 que, além da metáfora, oferece mais uma reflexão. Traz o não crucial, não factual, o não objetivo (LIMA, 1995). Há a interpretação (BORGES, 2013) da autora com relação ao todo que foi dito ao longo do texto. Além do sentimento empregado no texto, é possível afirmar que ela usa de razão e intuição (LIMA, 2014) para se comunicar com o seu leitor. Nos três textos analisados, a presença da autora é visível, com a descrição detalhada das cenas, com a presença de dados que trazem credibilidade e a exposição de sentimentos que prendem o leitor.

Considerações finais

Cada um dos textos analisados apresenta uma temática singular: o assassinato de uma criança indígena, o debate sobre a deficiência e o aborto, e uma reflexão sobre o consumismo. Contudo, em todos eles conseguimos identificar semelhanças que compõe o discurso da autora e que permeiam o discurso do Jornalismo Literário e do Jornalismo Opinativo. Propusemo-nos a analisar os textos opinativos de Eliane Brum em busca de marcas discursivas do Jornalismo Literário. Concluimos que estratégias textuais como detalhamento do cenário dos fatos, presença do autor no texto, uso de metáforas e linguagem simbólica, identificação de sentimentos vivenciados por atores sociais e jornalistas, uso de citações direta e presença de dados, entre outras marcas discursivas sugeridas pelos autores como características do Jornalismo Literário, estão presentes nas colunas de opinião da jornalista.

Acreditamos que tais estratégias enriquecem os textos da autora. Ao apresentar dados, referências e fontes, Eliane garante credibilidade a suas opiniões. Por outro lado, suas estratégias envolvem o leitor, provocando reflexões sobre os temas propostos. Ainda que não compartilhem da opinião da autora, seus leitores são capazes de identificar seus argumentos, por vezes comprovados com informações. A combinação do relato detalhado e minucioso com um texto que prende seu leitor é o resultado da profundidade com que Eliane Brum aborda suas pautas.

REFERÊNCIAS

BENETTI, M. Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, C. & BENETTI, M.. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BORGES, R. **Jornalismo Literário: teoria e análise**. *Série Jornalismo a Rigor V.7*. Florianópolis: Insular, 2013.

BRUM, E. **A menina quebrada e outras colunas de Eliane Brum**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.

_____. **O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. São Paulo: Globo, 2008.

_____. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

LIMA, E. P. **Jornalismo Literário para Iniciantes**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

_____. **Páginas ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1995.

MARTINEZ, M. **Jornalismo Literário em Ambientes Digitais: estudo de caso da produção da jornalista Eliane Brum**. *XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011*.

NECCHI, V. **A (im)pertinência da denominação “jornalismo literário”**: VII XXX Congresso *Estudos em Jornalismo e Mídia – Santos, SP – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007*.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 10ª edição, Campinas: Pontes Editores, 2012.

PENA, F. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.